

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora

Class.: 1126

Data: 19.05.92

Pg.: _____

Parque de Nonoai é um cemitério verde

□ Um vendaval derrubou araucárias do local. Os índios caingangues, que ocupam o local, temem ser acusados por ecologistas

CLARINHA GLOCK

O Parque Florestal Estadual de Nonoai está de luto. Centenas de araucárias foram derrubadas por um vendaval que atingiu a região no meio do mês de abril. A tormenta transformou parte da área de 17 mil hectares num cemitério verde. O cenário é desolador e preocupante, porque desde que os índios caingangues da reserva de Nonoai ocuparam o parque, em 14 de fevereiro deste ano, nenhuma entidade ambientalista — oficial ou não-governamental — entrou no local. Mas levantaram suspeita de que os índios estavam roubando pedras preciosas e vendendo madeira do parque. Com este vendaval, as lideranças de Nonoai temem ser acusadas novamente.

O cacique José Orestes do Nascimento, o Zé Lopes, que liderou a ocupação do parque, já desafiou uma vez um ecologista a encontrar marcas de desmatamento feitas pelos machados dos índios numa das últimas grandes áreas de preservação do Estado. Nenhum deles, até agora, se manifestou. "Seria até bom que viesse alguém aqui para olhar como está o parque", convidou Zé Lopes. Estas árvores que agora estão caídas, garante, foram derrubadas pelo vento. E ele lamenta não poder retirá-las para construir casas para os índios mais necessitados.

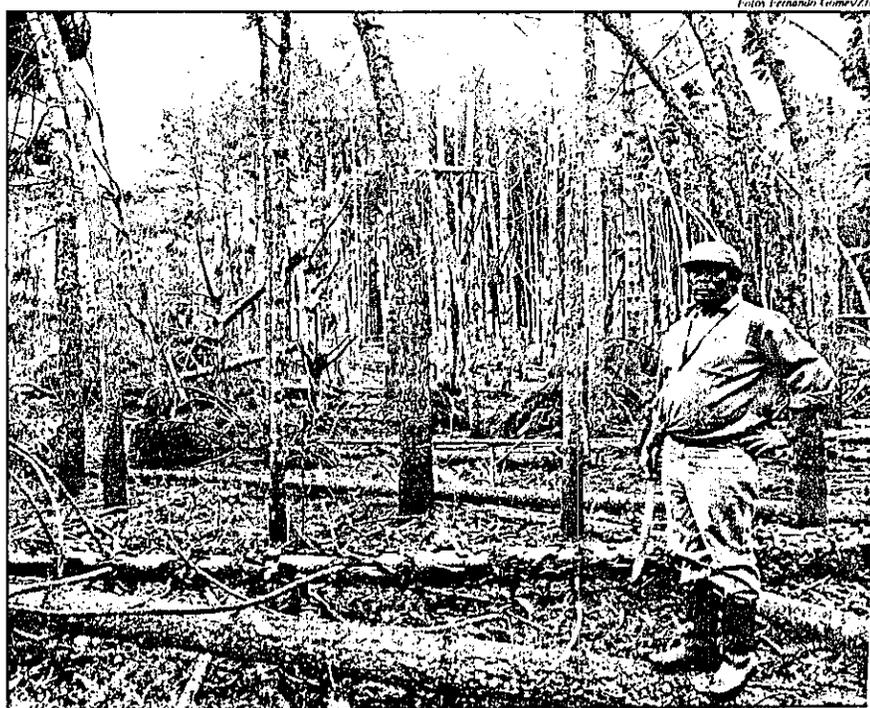
O vendaval deixou seu rastro também em Gramado dos Loureiros, a 23 quilômetros de Nonoai, município recém-emancipado e que agora detém parte do controle do parque. O vento do domingo que antecedeu a Páscoa fez voar o telhado da igreja e de mais três casas. Se o prejuízo ali foi calculado em cerca de Cr\$ 10 milhões, é impossível traduzir em números as perdas que a derrubada de araucárias, naquela região, representam para o ecossistema do Rio Grande do Sul.

TRILHA — Foi o próprio Zé Lopes e o capitão do setor Bananeiras da reserva, Orides Porfílio, quem levaram a reportagem de Zero Hora para cerca de três quilômetros dentro do mata do parque para mostrar os estragos. A caminhada é difícil. É preciso atravessar o Rio do Mel e enfrentar os pernilongos. No caminho já se pode enxergar os primeiros danos provocados pela tormenta: São árvores caídas, com raízes expostas, a maioria delas, segundo o cacique, fontes de remédios infalíveis para doenças do sangue e do coração, ou vacinas naturais para o gado.

A trilha pelo mata dá para a floresta de araucárias, e é aí que aparece mais a destruição. Árvores e galhos caídos uns sobre os outros,

e pinheiros dobrados que provavelmente nunca mais se erguerão impávidos e imponentes sobre a mata. No chão, os pinhões e as cinzas de um fogo no mata. Muitos troncos de árvores estão pretos. O cacique Zé Lopes se adianta: "Isso foi há um ano, quando os caçadores botaram fogo".

Zé Lopes diz que já comunicou a Funai dos estragos, mas ninguém foi lá para ver a que ponto eles chegam. Os pinus americanos caídos — resquício do tempo em que o fazendeiro Cistilho Saltoreto ocupava as terras dos índios e resolveu plantar, conforme o cacique —, e a rica fauna e flora natural da região são as poucas testemunhas do que se passou. O cacique Lopes repete, mais de uma vez, que é uma pena que todas aquelas árvores caídas fiquem ali apodrecendo quando tem tanto índio sem casa. "Mas, se nós tirarmos, os brancos vão dizer que estamos levando árvores do parque". Como os índios não têm serraria, eles iam ter que apelar para as máquinas dos brancos, e aí tem problema, lembra Lopes. Antes de sair do parque, o cacique dá mais uma olhada ao redor, posa para as fotos entre a paisagem devastada e suspira: "Tem uma fortuna aqui".



Devastação: o cacique Lopes mostra árvores derrubadas pelo último temporal

Funai não manda recursos, acusa o cacique

A situação dos caingangues de Nonoai não anda fácil. O cacique da reserva onde vivem aproximadamente 2.400 índios reclama que há seis meses a Funai não manda nenhum recurso. O posto da Funai está endividado em todas as farmácias de Planalto e Nonoai. Até para abastecer os carros os índios têm problema. O carro Toyota que servia para locomoção está estragado há 45 dias.

Sem crédito em Planalto e com uma dívida de Cr\$ 9 milhões numa farmácia de Nonoai, conta Lopes, resta aos índios apelar para a ajuda dos membros da Novas Tribos do Brasil, uma igreja norte-americana

que se estabeleceu dentro da reserva e que ajuda no atendimento médico. Os pastores desta seita foram acusados, no Norte do País, de explorar pedras preciosas.

Nesta época de colheita de soja e milho, as mulheres ajudam colhendo o pinhão no parque florestal para vender na cidade. O cacique diz que há poucos índios agora ali dentro. Segundo Zé Lopes, algumas famílias tomaram as casas dos guardas florestais e estão morando ali. Na sexta-feira à noite costumava ir um reforço de homens para proteger do ataque de caçadores.

LUTAS — É nesse contexto que os

índios de Nonoai levam à frente duas lutas. Uma é pelo direito de ir e vir dentro da área do Parque Florestal que agora cabe à Justiça Federal julgar. A liminar que dava a reintegração de posse do parque ao Estado foi cassada e, pelo menos por enquanto, ninguém pode retirar os caingangues dali.

A outra batalha na Justiça Federal é pela posse de 25 mil hectares que o governo do Estado tomou em 1945 e que inclui, além do santuário ecológico representado pelo parque, várias propriedades rurais em Nonoai e Planalto, e parte das zonas urbanas destas duas

idades. A reserva indígena de Nonoai foi demarcada em 1911, com 39.980 hectares, hoje está com 14 mil.

Em Nonoai e Planalto, o medo dos colonos de perder suas terras é evidente. O comerciante Genuir Bongiorno, 35 anos, dono de 20 hectares na Quarta Seção, que pertence a Planalto e que pode ser exigida pelos caingangues, diz que tem toda a documentação, e por isso não vai se preocupar. Em Nonoai, o apicultor Devino Barichello, 53 anos, lembra que se eles tiverem direito a esta parte da cidade, então têm que ter direito a todo o Brasil.



Porfílio: na mata

Líder pretende concorrer a vereador

A preocupação do cacique Zé Lopes pela preservação do Parque de Nonoai, pelo menos em termos políticos, é muito significativa. Candidato a vereador pelo PDS através do município de Gramado dos Loureiros, ele já foi acusado de ter usado a bandeira da luta pela terra indígena na invasão do parque. Pesam sobre ele também outras acusações mais antigas, de roubo de madeira com a conivência da Funai. Zé Lopes diz que tem a consciência tranquila, e que nunca conseguiram comprovar nada contra ele.

Prova disso é que está tentando trazer de volta para a área de Nonoai as famílias que o denuncia-

ram. O índio Vairé Casimiro e seus dois filhos, Abílio e Getúlio, mulheres e crianças tiveram que fugir para Porto Alegre para evitar represálias no final de 1990. E agora aguardam no porão alugado de uma casa em Nonoai o sim dos conselheiros do cacique para poder voltar de vez à reserva indígena. "Em 20 dias devemos estar lá dentro", disse Abílio, esperançoso. No porão onde moram espremidos, graças à ajuda dos sindicatos de ferroviários, bancários e metalúrgicos no aluguel, a comida é pouca para tanta criança. Só Abílio tem quatro filhos.

Quase de volta à reserva, Abílio afirma que o arrendamento de ter-

ra e roubo de madeira que ajudou a denunciar dois anos antes já acabaram. "Na época tinha, mas agora não", reforça.

ELEIÇÕES — A família de Abílio deverá significar alguns votos a mais na contagem das próximas eleições, quando Zé Lopes concorrer a vereador. O cacique já mandou fazer 20 títulos novos de eleitor.

Nos planos do cacique consta também uma viagem ao Rio de Janeiro, agora em junho, para participar das atividades paralelas da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92.